

## JARI E CARAJÁS: O FUTURO INCERTO DAS GRANDES PLANTAÇÕES DE SILVICULTURA NA AMAZÔNIA

Apesar de que as grandes plantações de silvicultura no Jari estão apresentando signos de potenciais problemas a longo prazo, o Brasil se dispõe a estabelecer, a curto prazo, novas e imensas áreas de silvicultura na Amazônia. Daniel K. Ludwig vendeu uma maioria das ações das suas plantações no Jari depois de ter perdido uma parte substancial da sua vasta fortuna. Embora impasses institucionais compliquem a história desta decisão, o fato de que as árvores que foram plantadas por ele crescessem a um ritmo igual a somente a metade da projeção inicial é apenas um exemplo das múltiplas causas da recente venda. Apesar de que hoje em dia os balanços econômicos do Jari são motivo de grandes preocupações para todos os envolvidos, ainda quando se faça caso omissivo das cifras de ingressos que acaparam a atenção dos economistas e investidores, a capacidade de auto-sustentação, a longo prazo, desses projetos apresenta um vital interesse para os habitantes da Região Amazônica. Muitas preocupações necessárias para aumentar as chances, a longo prazo, da sustentabilidade da silvicultura no Jari não têm sido contempladas ou têm sido abandonadas durante os recentes esforços para frear as perdas a curto prazo. O esforço de pesquisa da companhia de exploração, essencial para assegurar que as soluções estarão disponíveis no momento em que apareçam os futuros problemas, tem estado praticamente abandonado. A consideração da eventual necessidade de suprir os nutrientes removidos pela colheita de biomassa jamais tem entrado nos cálculos econômicos. Estas e outras precauções serão necessárias se a produção, a longo prazo, no Jari deve ser mantida (ver "The New Jari": Risks and Prospects of a Major Amazonian Development" neste número de *Interciência*).

A implantação de plantações de silvicultura na escala do Jari seria arriscada e difícil em outras áreas da Amazônia (ver "Jari and Development in the Brazilian Amazon" em *Interciência*, 5 (3): 146-153). Apesar disso, está em vias de ser estabelecida uma nova plantação de silvicultura, que em muitos sentidos ultrapassa em muito a do Jari, como parte do Projeto Grande Carajás: o plano de desenvolvimento mineiro, agrícola e industrial que transformará completamente a parte sudeste da Amazônia Brasileira nos próximos 5 anos. O projeto Carajás no seu conjunto, que inclui aproximadamente uns 8 milhões de hectares (aproximadamente 1/6 da Amazônia Legal Brasileira), contempla um investimento de 33 bilhões de dólares, em comparação com o investimento de Ludwig no Jari que foi da ordem de 1 bilhão de dólares. Está previsto que as plantações de silvicultura de Carajás cubram 2,4 milhões de hectares, ou 24 vezes a área das plantações do Jari. As plantações de Carajás fazem parte de um plano mestre para a exploração do que muitos consideram ser a maior concentração do mundo de minerais, incluindo 18 bilhões de toneladas métricas de minério de ferro (66% Fe<sub>2</sub>O<sub>3</sub>), 45 milhões de toneladas métricas de minério de manganês, 3,5 bilhões de toneladas métricas de bauxita, 45 milhões de toneladas métricas de níquel (1,5%

Ni), 550-660 milhões de toneladas métricas de minério de cobre (0,9% Cu) e "significativos" depósitos de estanho e ouro. Todos eles localizados dentro de uns poucos quilômetros quadrados na Serra dos Carajás. Uma ferrovia de 900 km de extensão está sendo construída para transportar o minério de ferro e outros metais para o porto de São Luis, no Estado do Maranhão, enquanto que o Rio Araguaia está sendo dragado para melhorar a navegação em direção ao Rio Amazonas, assim como para o que se convertirá no futuro pólo industrial do Estado do Pará e porto de águas profundas em Barcarena, perto de Belém. O maior projeto hidroelétrico da Amazônia, a represa de 3.890 megawatts que já está quase terminada em Tucuruí, no Rio Tocantins, fornecerá eletricidade às diversas partes do Projeto Carajás. As plantações de silvicultura, divididas em propriedades de 10.000 ha. ao longo da ferrovia, fornecerão carvão para a conversão de uma pequena porção do minério de ferro em aço.

As imensas plantações de eucaliptos, para a área de Carajás, apresentam um alto risco de eventuais problemas devido às doenças e pragas. O aumento do problema de insetos em outras plantações de eucaliptos no Brasil, principalmente nos 1,4 milhões de hectares plantados no Estado de Minas Gerais, entre 1973 e 1980, deve ser um motivo para refletir. As mais recentes plantações de eucaliptos no Jari também devem ser cuidadosamente vigiadas. As lições aprendidas ali não diferem provavelmente das que outros têm aprendido na longa história dos esforços para manter monocultivos em grande escala nos trópicos. A silvicultura deste tipo é de manejo incerto e difícil, como os gerentes do Jari têm podido observar. Apesar de que somente poucos banqueiros e investidores estão ansiosos para ajudar ao problemático Projeto Jari, os governos e as corporações estão praticamente se apressando para investir em alguma parte do Projeto Carajás. Pensa-se que a inimaginável riqueza dos depósitos minerais garante qualquer dinheiro investido ali. No processo do desenvolvimento desses recursos, deve ser assegurado que os desenvolvimentos agrícolas e de silvicultura, que sejam implantadas ali, possam se manter a longo prazo. Esta sustentabilidade agrônômica representa somente uma parte dos complexos fatores de interdependência que devem ser considerados se se quer assegurar o bem-estar futuro da população humana dessas áreas (ver "Development Alternatives in the Brazilian Amazon: an Ecological Evaluation" neste número de *Interciência*, 7(2): 65-78).

Os desenvolvimentos sustentáveis devem ser promovidos e devem ser instalados os mecanismos sociais e de outros tipos que, tanto no Jari como em Carajás e em toda a Amazônia, assegurarão o bem-estar das futuras gerações.

Philip M. Fearnside e Judy M. Rankin  
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia  
(INPA), Manaus, Amazonas, Brasil.